

**FILOSOFIA E POESIA: UMA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO  
FILOSÓFICA PARA O ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL  
MANOEL DE MELO MONTENEGRO NA CIDADE DE IPANGUAÇU/RN**

PHILOSOPHY AND POETRY: A PROPOSAL FOR PHILOSOPHICAL LITERACY FOR  
HIGH SCHOOL AT MANOEL DE MELO MONTENEGRO STATE SCHOOL IN THE CITY  
OF IPANGUAÇU/RN

*Francisco Jobielson da Silva<sup>1</sup>*  
*Lindoaldo Vieira Campos Júnior<sup>2</sup>*

**Resumo:**

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo UERN, Campus Caicó/RN. Discute-se neste estudo a aplicação de uma proposta de intervenção a partir de reflexão realizada com base nos excertos de textos filosóficos utilizados nas aulas de Filosofia, que não afetavam de maneira positiva os estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel de Melo Montenegro, na cidade de Ipanguaçu/RN. Desse modo, tem-se como objetivo analisar a intervenção educativo-filosófica desenvolvida a partir de um conjunto de unidades didáticas centradas no método Paulo Freire, utilizando a poesia popular de Traíra (1986) e Caldas (2009) como base para a constituição de palavras geradoras. Zambrano (2021) e Nietzsche (2012; 2009; 2008; 2005), compõe a base teórica para reunidade entre Filosofia e Poesia. Os resultados mostraram que, a partir da visão de Freire (2022; 2011; 2001; 1997; 1963), houve reconhecimento da identidade cultural dos educandos. Assim, depreende-se que é possível utilizar a poesia popular nas aulas de filosofia, como proposta de produção escrita em um determinado gênero textual, e que a poesia popular de Traíra (1986) e Caldas (2009) pode ser uma forma de aproximação entre o estudante e o saber filosófico.

**Palavras-chave:** Filosofia, Poesia popular, Método Paulo Freire, Alfabetização filosófica

**Abstract:**

This article is the result of research conducted in the Professional Master's Program in Philosophy (PROF-FILO), UERN campus, Caicó/RN. This study discusses the application of an intervention proposal derived from contemplation of excerpts from philosophical texts employed in Philosophy classes. This proposal addresses the lack of positive impact on high school students at Manoel de Melo Montenegro State School in the city of Ipanguaçu/RN. Therefore, the aim is to analyze the educational-philosophical intervention developed from a set of didactic units focused on the Paulo Freire method, using the popular poetry of Traíra (1986) and Caldas (2009) as a foundation for generating meaningful vocabulary. Zambrano (2021) and Nietzsche (2012; 2009; 2008; 2005) form the theoretical basis for the convergence of Philosophy and Poetry. The results showed that, in accordance with Freire's viewpoint (2022; 2011; 2001; 1997; 1963), there was acknowledgment of the cultural identity of the students. Therefore, it is evident that it is possible to use popular poetry in philosophy classes as a proposal for written production in a specific textual genre. Additionally, the popular poetry of Traíra (1986) and Caldas (2009) may serve as a means to facilitate students' engagement with philosophical knowledge.

**Keywords:** Philosophy, Popular poetry, Paulo Freire method, Philosophical literacy

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Caicó (CaC).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia, orientador da pesquisa, professor do IFRN e docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Caicó (CaC).

## Introdução

Este artigo é fruto de um trabalho que une filosofia e poesia através do desenvolvimento de aulas ministradas a partir de um conjunto de unidades didáticas, as quais foram colocadas em prática no Ensino Médio da Escola Estadual Manoel de Melo Montenegro (Ensino Médio em Tempo Integral), na cidade de Ipanguaçu/RN.

Os poemas que foram utilizados durante o desenvolvimento das aulas foram coletados da obra de Traíra (1986), cantador e cordelista; e da produção de Caldas (2009), um poeta matuto que andava na região do Vale do Açu, fazendo *shows* e declamando seus causos e poemas populares em bares e em outros locais.

A problemática desta pesquisa surgiu quando percebemos que os excertos de textos filosóficos que eram utilizados nas aulas de filosofia não afetavam de maneira significativa os estudantes, causando até um certo distanciamento da disciplina, inclusive provocando a não compreensão do conteúdo ministrado. Assim, a Grécia, os filósofos, os conceitos, tudo isso parecia ser algo muito distante da realidade dos nossos educandos, o que provocava esse afastamento da filosofia.

Desse modo, apoiados no pensamento de Freire (2022; 2011; 2001; 1997) e a partir de uma experiência em que utilizamos cordéis de Campos (2022; 2017) em sala de aula, inserimos também a poesia dos poetas do Vale do Açu, Traíra (1986) e Caldas (2009), nas aulas de filosofia. Isso foi realizado com objetivo de superar tanto as dificuldades de leitura quanto a falta de afetividade dos estudantes em compreender os excertos de textos filosóficos. Além disso, a produção desses poetas aborda temáticas filosóficas como trabalho, felicidade, amor, sabedoria e os mais variados temas da filosofia. Assim, foi com a visão de reconhecer e fazer uma verdadeira assunção da identidade cultural local, que tivemos em vista aproximar a filosofia e a poesia. Pois, segundo Freire (2001):

a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado (Freire, 2001, p. 46).

Sendo assim, buscando uma reunidade entre filosofia e poesia, Zambrano (2021) é a pensadora que nos sustenta, quando reflete contra a cisão entre o discurso racional e o discurso poético. Desse modo, Zambrano (2021) compõe sua obra *Filosofia e Poesia*, na qual visa superar a ruptura estabelecida por Platão (2021) entre filosofia e poesia, afirmando que, no meio da discussão sobre a separação entre filosofia e poesia, existe uma força violenta. Esse impulso violento é revelado através do mito da caverna, passagem do “Livro VII”, da obra *A República*, de Platão, a libertação do prisioneiro e o seu encontro com a verdade têm sua origem em uma força que representa uma forma de pura violência.

Nietzsche (2012) foi o filósofo que utilizamos para ilustrar a junção entre o discurso racional e o discurso poético. Filósofo-poeta, que, na sua escrita, fez uso frequente da metáfora e da imagem para fazer filosofia. A obra *Assim Falou Zaratustra*, produção na qual, segundo Paul Valéry (1936), o filósofo do martelo utiliza imagens do início ao fim do livro. Após essa discussão teórica, apresentamos a nossa concepção metodológica inspirada nas ideias de Paulo Freire, seguida de um relato sobre a unidade didática aplicada em sala de aula e os resultados apresentados em nossa proposta de intervenção.

## María Zambrano e Nietzsche: a reunidade entre Poesia e Filosofia

María Zambrano foi uma filósofa espanhola, discípula de Ortega e Gasset, considerada uma das pensadoras mais importantes da filosofia espanhola do Século XX. A autora possui uma reflexão em torno do tema em discussão, encontramos seu argumento sobre a ruptura entre o discurso filosófico e o discurso poético na obra *Filosofia e Poesia*, publicada em 1939, na qual ela visa superar a cisão estabelecida por Platão entre filosofia e poesia.

Segundo Zambrano (2021, p. 13), “não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do homem na poesia”. As duas faces da palavra não conseguem captar a totalidade humana e muito menos satisfazem as suas exigências. Desse modo, a autora busca situar os caminhos distantes que Filosofia (razão, logos) e Poesia seguiram, e nos convida a reencontrarmos a Poesia, pois essas duas formas da palavra apareceram juntas.

Para Zambrano (2021), o mito da caverna de Platão é um exemplo desse afastamento. Através dessa metáfora ele busca nos afastar dos sentidos, pois eles captam uma realidade falsa e nos enganam, como também nos impedem de chegarmos ao conhecimento verdadeiro. No entanto, na sua argumentação Zambrano (2021, p. 15) se questiona: “qual raiz pensamento e poesia têm em nós?” Se foi a admiração, que podemos compreender como o espanto com a realidade, com os objetos e as coisas, faltou explicar como se modelou em pensamento sistemático, pois:

se o pensamento nasceu da admiração apenas, segundo nos dizem textos veneráveis, não explica com facilidade que fosse tão rapidamente se plasmar na forma de filosofia sistemática; nem que tenha sido uma de suas melhores virtudes a da abstração, essa idealidade conseguida no olhar que deixou de ver as coisas. Porque essa a admiração que nos produz a generosa existência da vida a nossa volta não permite um desprendimento tão rápido das múltiplas maravilhas que a suscitam (Zambrano, 2021, p. 15).

A autora continua sua reflexão afirmando que no centro da discussão existe um ato de violência na cisão entre Filosofia e Poesia, uma força que é característica essencial do pensamento filosófico. Assim sendo, argumenta Zambrano (2021):

encontramos em outro texto venerável – mais venerável pela sua tripla auréola de filosofia, poesia e... “Revelação” –, outra raiz onde a filosofia nasce: se trata da passagem do livro VII da *República*, em que Platão apresenta o “mito da caverna”: a força que origina a filosofia ali é violência. E agora, sim, admiração e violência juntas como forças contrárias que não se destroem, explicam-nos esse primeiro momento filosófico em que já encontramos uma dualidade e talvez, o conflito originário da filosofia: o ser primeiramente pasmo, extático diante das coisas e violentar-se em seguida para se livrar delas” (Zambrano, 2021, p. 16).

Essa metáfora de Platão juntou força e filosofia para retirar o homem da caverna e afastá-lo das aparências, mas terminou criando uma dualidade originária. É um sair do mundo das sombras para o mundo das ideias, sendo necessário para isso, um esforço violento para romper os grilhões que prendiam o homem na alegoria da caverna. O espanto (*tóthaumázein*) do homem filósofo e do homem poeta sofre uma cisão. Essa separação é centrada no ascetismo que o filósofo platônico ganhou um método, um caminho próprio em busca da unidade, que pode ser entendida como “uno, indivisível, seja no sentido de partes a serem inseparáveis da totalidade e inseparáveis entre si (Abbagnano, 2007, p. 1166). Essa

busca pelo uno ou a verdade fez com que ela deixasse de lado o abismo no qual a Poesia se realizava.

Esse caminho seguido pela “filosofia, em que o filósofo impulsionado pelo violento amor ao que buscava abandonou a superfície do mundo, a generosa urgência da vida, baseando em uma primeira renúncia para posterior posse total” (Zambrano, 2021, p. 17). O espanto primeiro é transformado em questionamento constante e o fazer filosófico começou a exprimir a vida com as características de homem universal, em que buscava imprimir um querer ser. Pois, o filósofo, para encontrar a dita verdade, busca a unidade tentando se salvar do mundo das aparências, enquanto que o poeta se apegava às aparências:

A poesia perseguia, portanto, a multiplicidade desdenhada, a menosprezada heterogeneidade. O poeta encantando pelas coisas se pega a elas, cada uma delas, e as segue através do labirinto do tempo, da mudança, sem poder renunciar a nada: a nem a uma criatura nem a um instante dessa criatura, nem a partícula da atmosfera que a envolve, nem a um matiz da sombra que lança, nem do perfume que exala, nem o fantasma que já suscita em ausência (Zambrano, 2021, p. 19).

O caminho do poeta difere do filósofo, o poeta ele busca se apropriar da palavra, mas é uma apropriação passageira, efêmera. Por isso, o poeta não renuncia e nem procura nada, ele já possui. As coisas se apresentam diante de si e ele aprecia através dos sentidos, como também está aberto as possibilidades, que aparecem nos seus sonhos e nos seus fantasmas interiores, onde tudo é possível. Desse modo, o poeta parece ser inteiramente escravo desse mundo que o inspira. Mas, é importante lembrar que o poeta não busca uma espécie de unidade final, como busca o filósofo, a poesia parece que não têm limites.

A filosofia seguiu outro caminho, o caminho da clareza, “a filosofia venceu no conhecimento, pois conquistou algo firme, algo tão verdadeiro, compacto e independente que é absoluto, que não se apoia em nada e é apoio para tudo” (Zambrano, 2021, p. 18). Porém, a Poesia não segue esse raciocínio, ao poeta não interessa perseguir a unidade. Para Zambrano (2021), fazer filosofia ao modo platônico é buscar uma unidade abstrata e imutável. Além disso, a verdade do poeta não é uma verdade imposta, é uma verdade que não cria limites. Desse modo, fica perceptível que o *logos* platônico tem a esperança de possuir a verdade, enquanto a poesia é desesperança, no sentido, de que ela está a serviço da embriaguez. Outro argumento de Zambrano (2021) é sua alegação em relação à unidade presente na Poesia. Para fazer essa análise ela utiliza a música, “e na música é onde suavemente resplandece a unidade. Cada peça musical é uma unidade, e, no entanto, está composto de momentos fugazes” (Zambrano, 2021, p. 21). Assim, a unidade presente na música não é a mesma do ser que o filósofo procura, a da música já está criada e realizada:

É uma unidade de criação; com o disperso e o passageiro foi construído algo uno, eterno. Assim faz o poeta, que em seu poema cria unidade com a palavra, essas palavras que tratam de aprender o mais tênue, o mais alto, o mais único de cada coisa, de cada instante. O poema é a unidade não oculta, mas presente; a unidade realizada, diríamos encarnada (Zambrano, 2021, p. 21).

Foi desse jeito que o poeta não exerceu nenhuma violência e também mostrou que não possui um método específico: o poeta é essencialmente um processo de amor a todos os elementos, que estão como possibilidade diante dele e

assim conseguiu a unidade. No entanto, é importante observarmos, segundo Zambrano (2021), que existe uma diferença: “assim como o filósofo, se alcançasse a unidade do ser, seria uma unidade absoluta sem nenhuma mistura de multiplicidade, a unidade atingida pelo poeta é sempre incompleta” (Zambrano, 2021, p. 21). O poeta tem consciência de sua incompletude e talvez aí esteja sua humildade em se conformar com a frágil unidade que ele alcançou. No jogo do poeta, tudo tem direito a ser, inclusive nossa imaginação, os sonhos, como também as incertezas. “O filósofo quer o uno, porque quer tudo, já dissemos” (Zambrano, 2021, p. 22).

## A Razão Poética

Em busca de uma resposta, Zambrano (2021) propõe o conceito de *Razão Poética*. Para ela, esse conceito possui três traços fundamentais: o amor, a recomposição e a gratuidade. Essas propriedades estão articuladas de maneira dialética, a seguir:

A razão poética é uma razão de amor, porque é “reintegração da rica substância do mundo”, ou seja, porque procura a reunião, a ligação. Se atendermos à definição dada – “reintegração da rica substância do mundo” – temos de reconhecer nesta racionalidade a vontade de restituir algo perdido para que a riqueza do mundo se recomponha. Ou seja, algo se cindiu e essa cisão foi um empobrecimento; restaurar a perdida riqueza do mundo supõe superar essa cisão e retornar a uma unidade originária (Henriques, 2002, p. 5).

Zambrano (2021) através de seu conceito de *Razão Poética* não quer restituir o equilíbrio originário, que para ela é inalcançável, pois de uma ferida aberta sempre haverá uma cicatriz. A esperança para um processo de reconquista da unidade é por meio de uma atividade racional de recomposição. É esse o objetivo da *Razão Poética*. No entanto, esse processo de recomposição não pode ser encarado como uma conquista guerreira. Antes de qualquer coisa, seria necessária uma atitude de atenção e de escuta. Essa postura é importante para poder existir uma abertura para a revelação graciosa e gratuita (Henriques, 2002).

No desenho teórico proposto por Zambrano (2021), há o apontamento de alguns questionamentos que direcionam a reflexão em torno do conceito de *Razão Poética*. As questões propostas são: “porque é que a racionalidade (entenda-se filosófica) tem de ser poética? Como a racionalidade pode ser poética?” (Henriques, 2002, p. 5). Na obra *Filosofia e Poesia*, Zambrano (2021) responde essas questões, seguindo três caminhos argumentativos: a origem comum, a disfunção total dos seus caminhos e a incompletude em cada uma delas.

Filosofia e poesia nasceram da recusa do conhecimento como graça divina, essa foi a origem comum entre essas duas formas de produção humana. No entanto, isso não significou que as duas caminhassem em uma mesma direção. Filosofia e poesia seguiram caminhos distintos, adotaram estruturas diferenciadas e terminaram se configurando como discursos antagônicos. Na perspectiva filosófica foi adotada a busca centrada em um método, com foco na unidade totalizadora e principalmente na adoção do distanciamento enraizado na abstração, que termina causando uma ruptura com a postura mítica. Desse modo, a filosofia teve em vista construir um discurso onde o homem seria responsável por ele e só o ser humano pudesse responder. Por isso, afirma-se que o discurso filosófico é um discurso ético.

O discurso poético é diferente, o poeta mantém sua relação de continuidade com a disposição mítica inicial, guarda espaço para o encontro, para escuta, para a abertura à diversidade e uma grande proximidade com a realidade concreta. Sendo assim, para Henriques (2002):

É a relação entre a origem comum e a diversidade dos caminhos individuais trilhados pela filosofia e pela poesia que determina, por um lado, a sua incompletude constitutiva, por outro, a sua atracção mútua e a impossibilidade da sua separação total e, por fim, a dimensão ontológica de ambas. Elas necessitam uma da outra, para suprir a sua limitação específica: a filosofia precisa de se abrir à concretude do real e a poesia necessita de se contextualizar no universal possível. Mas, por outro lado, a sua articulação é quase natural e legitimada pelo enraizamento ontológico comum que as sustenta (Henriques, 2002, p. 6).

Neste sentido, é necessário um pacto entre filosofia e poesia, é o que argumenta Zambrano (2021), ao formular o seu conceito de *Razão Poética*. Esse acordo exige responsabilidade e compromisso em busca de um verdadeiro entendimento entre filosofia e poesia. Nesse ajuste, temos, por um lado, o valor que compõe a racionalidade, sustentando a análise e a força do exame analítico filosófico, enquanto que, por outro lado, temos a força poética que desestabiliza a frieza da análise filosófica. Em relação à pureza e à clareza conceitual, temos como força opositora a presença da metáfora, como possibilidade e potência de transgressão. Por fim, define-se um lugar de responsabilidade humana pela criação do sentido, mas é importante lembrar que essa construção só pode ser feita se considerar a atenção dada ao movimento da realidade. Assim, a *Razão Poética* de Zambrano (2021), pode ser compreendida como:

um pensar contemplativo, se por contemplação se entender, a descentração de si para acolher o que vem, a deslocação do olhar que procura mais ser visto do que ver e, finalmente, a compaixão, no sentido de uma proximidade promíscua e de um envolvimento entusiástico (com-paixão) (Henriques, 2002, p. 7).

A *Razão Poética*, para Zambrano (2021), pode ser a correlação das duas formas da palavra, numa tentativa de unir filosofia e poesia. É uma definição aberta para as possibilidades. Essa abertura abre espaço para acrescentarmos outro elemento que pode ser usado no fazer filosófico, esse artefato é a metáfora. O acréscimo da metáfora abre a possibilidade de criação de imagens e esse recurso pode contribuir para a compreensão. Além disso, o uso da metáfora pode abrir caminho pela via imagética, um caminho diferente da lógica convencional no fazer da Filosofia e ainda abre a possibilidade de um espaço, de um lugar para a invenção.

Sobre esse lugar para filósofo, inventar e também trabalhar com imagens, Zambrano (2021) menciona os escritos de Valéry (1936). Em um artigo intitulado *Filosofia da Dança*, de 1936, esse filósofo, poeta e escritor francês afirma que os filósofos gostam de imagens:

Filósofos gostam de imagens: não há atividade que mais as exija, ainda que às vezes elas se escondam sob o disfarce de palavras com aparência de muralhas. Os filósofos criaram imagens famosas: um, uma caverna; o outro, um rio sinistro ao qual não se pode retornar nunca; e ainda um outro, um Aquiles correndo ofegante atrás de uma tartaruga inacessível. Os espelhos paralelos, corredores

passando de um a outro uma tocha, indo até Nietzsche, com sua águia, sua serpente, seu equilibrista na corda bamba (Valéry, 1936, p. 7).

Valéry (1936) usa exemplos de imagens famosas criadas por filósofos ao longo da tradição, dentre eles, a alegoria da caverna de Platão, o rio de Heráclito, ao qual nunca se pode retornar; pois, segundo o filósofo, existe um fluxo constante, é o devir. Em seguida, Valéry (1936) cita também o paradoxo de Aquiles e a tartaruga de Zenão de Eléia. Por fim, ele menciona algumas imagens evocadas pelo Zaratustra, personagem presente na obra *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, uma obra filosófica, poética, metafórica e simbólica, com imagens do início ao fim do livro.

### A Poesia de Nietzsche em “Assim falou Zaratustra”

Nietzsche faz uso de imagens para fazer filosofia; por isso, é necessário a busca pelo sentido, pela profundidade e um bom tempo para meditar e refletir sobre metáforas por ele cunhadas. Em sua obra *Assim falou Zaratustra* logo no início encontramos a imagem do sol. Como metáfora, podemos interpretar essa imagem em vários sentidos. Na tradição filosófica, vários pensadores estabeleceram relações entre o sol, entendido como luz que liberta o homem da escuridão, ou como elemento que representa a luz do saber na vida do homem. Essas analogias aproximam a luz do sol com a verdade almejada pela filosofia.

No “Livro VI”, da obra *A República* de Platão (2001), o tema de debate de Sócrates com Gláuco e Adimanto é a educação dos filósofos, ensino que visava alcançar uma disciplina elevada. Esse modelo de educação teria por objeto o bem. Mas como definir o que é o bem? Platão (2001) *apud* Casertano (2011) resolve expor essa questão através da imagem do sol:

Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou à sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível (Platão, 2001, p. 508-509).

Platão (2001) faz uma analogia entre o sol e a ideia de bem. Como sabemos, o sol é o elemento que nos faz enxergar os objetos, as cores, que termina dando vida aos animais e as plantas, e a tudo que existe na terra, mas, ele é um ser que não se identifica com nenhuma dessas coisas. Assim, o bem também “dá a verdade e a faculdade de conhecer, dá todos os entes cognoscíveis a sua existência e o seu ser, mas não se identifica com nenhum deles” (Casertano, 2011, p. 23).

Essa forma de fazer filosofia é criticada por Nietzsche, principalmente em relação ao ascetismo platônico e a ideia de que a verdade das coisas está em outro mundo. Assim, Nietzsche (2008) também recorreu à imagem do sol, porém de uma maneira completamente diferente da de Platão. Vejamos a cena em que Zaratustra deixa sua terra natal e vai para montanha, após decidir voltar, ele indaga o sol:

Que seria a tua felicidade, ó grande astro, se não tivesses aqueles que iluminas! São dez anos que sobes à minha caverna; e já se te haveriam tornado enfadonhos a tua luz e este caminho, sem mim, a minha águia e a minha serpente.

Mas nós te esperávamos todas as manhãs, tomávamos de ti o teu supérfluo e por ele te abençoávamos (Nietzsche, 2005, p. 33).

Nietzsche (2008), por meio de Zaratustra, considera o sol como um grande astro. Porém, o que seria do sol sem aqueles que ilumina? Nesse pequeno trecho do preâmbulo da obra, *Assim falou Zaratustra* encontramos várias possibilidades interpretativas. A primeira delas é que o filósofo alemão termina invertendo a argumentação proposta por Platão, para Nietzsche o sol é um elemento que compõe a natureza, não é intocável, nem elevado, como dizia o discípulo de Sócrates. O tratamento ofertado ao sol por Zaratustra é de igualdade e jamais de submissão. Ele entende que o sol pode ser símbolo ilustrativo do conhecimento humano, no entanto, diferente do argumento, Nietzsche defende que é possível ao homem chegar a um nível de iluminação sem apelar para outro mundo.

Nisso é que se configura a segunda possibilidade interpretativa: Nietzsche (2008) faz uma crítica ferrenha ao modelo metafísico proposto por Platão. Não existe para ele essa oposição entre dois mundos, um em que só temos acesso às cópias e outro em que encontramos as verdades. Para Nietzsche, a tradição filosófica a partir de Sócrates nega a intuição criadora da filosofia presente no saber dos filósofos pré-socráticos. O filósofo alemão defende que dois princípios compõem a realidade – o apolíneo e o dionisíaco – esses dois princípios foram separados na Grécia socrática que terminou optando pelo culto à razão, secando a potência criadora, que estava contida na atmosfera dionisíaca.

Esse culto dedicado à razão também foi criticado por Zambrano (2021), porém a filósofa espanhola aborda essa questão a partir das duas formas da palavra: filosofia e poesia. Nietzsche, mesmo sem utilizar os termos filosofia e poesia na sua análise, consegue aproximar esses dois discursos de maneira filosófica, já que boa parte dos especialistas se referem a Nietzsche como o filósofo poeta. Mas de que maneira Nietzsche (2008) junta filosofia e poesia na sua escrita? Ele aproxima filosofia e poesia quando nos traz através da sua personagem Zaratustra a seguinte imagem:

Aos trinta anos de idade, deixou Zaratustra sua terra natal e o lago da sua terra natal e foi para a montanha.  
Gozou ali, durante dez anos, de seu próprio espírito e da solidão, sem deles se cansar.  
No fim, contudo, seu coração mudou; e, certa manhã, levantou-se ele com a aurora, foi para diante do sol e assim lhe falou (Nietzsche, 2005, p. 33).

Nietzsche (2005) fará uma crítica radical a toda nossa tradição cultural. De início podemos estabelecer um elo comparativo entre o Zaratustra de Nietzsche e Jesus Cristo. Nessa citação, Zaratustra parte de sua terra natal aos trinta anos, Cristo também iniciou sua vida pública aos trinta anos descendo nas margens do rio Jordão, ou seja, em movimento oposto, enquanto Jesus Cristo desce, Zaratustra subirá. Além disso, é importante destacar também que o *Assim falou Zaratustra* é um contraponto à Bíblia, porque ambos são escritos em versos, afinal, versículo significa pequeno verso. Essa inversão que Nietzsche faz em sua Filosofia compõe todo um arcabouço crítico a nossa cultura. Por isso, se Platão afirma que o homem possuidor do conhecimento “é aquele que escapou da caverna, onde o comum dos mortais vive na ignorância (8)” (Héber-Suffrin, 1991, p. 41). O Zaratustra de Nietzsche dirá que vive em uma caverna e que o sol existe para iluminá-lo.

A escrita de Nietzsche atinge os três pilares da cultura ocidental: o Socratismo, a Teoria platônica e o Cristianismo. Ele estabeleceu adversários do mais alto nível, é o que afirma o professor Pierre Héber-Suffrin:

Esse nível mais alto é, ao mesmo tempo, o mais radical: Jerusalém, Atenas, são, em sua raiz, toda a cultura ocidental (sua religião, sua filosofia, sua arte, sua ciência, sua moral), indissolivelmente grega e judaico-cristã, cujo desuso Zaratustra constata e cuja substituição preconiza. Anti-Jesus Cristo, anti-Platão, Nietzsche pode também ser caracterizado como o anti-Hegel, pois Hegel apresenta seu pensamento como o acabamento da cultura que ele engloba e coroa, enquanto Nietzsche, ao contrário, recusa essa cultura em sua própria base: segundo ele, e por meio dele, é toda a civilização que desmorona, e deve recomeçar de zero para construir outra coisa (Héber-Suffrin, 1991, p. 41).

O ponto de partida da personagem Zaratustra de Nietzsche não é somente uma crítica ao Platão ou aos ensinamentos de Jesus Cristo. Os argumentos de Zaratustra se situam para além de oposições como sensível e inteligível, ou verdade e opinião. É uma recusa total de todo modelo racional que existe em nossa cultura.

Sendo assim, Nietzsche (2005), com o seu *Assim falou Zaratustra*, nos mostrou o caminho de como fazer filosofia e poesia caminharem juntas. Ele instrumentalizou uma linguagem até então pouco utilizada para fazer filosofia, alinhando pensamento e poesia. Essa obra foi apreciada de diversas maneiras “ao lado da incontestável poesia de alguns cantos, foi-lhe reprovado um inchaço de metáforas, mau gosto romântico ou orientalizante bem distante do classicismo francês que Nietzsche dizia admirar” (Lefranc, 2019, p. 15). Essa fala do professor Jean Lefranc só mostra como o debate entre filosofia e poesia ainda prevalece. Porém, a escrita de Nietzsche consegue, em nossa visão, estabelecer a reunidade entre as duas formas da palavra: filosofia e poesia. Fazendo, assim, a razão poética, defendida por María Zambrano, aparecer com toda potência. Um “logos cheio de graça e verdade” (Zambrano, 2021, p. 111).

## O Local e pesquisa

A Escola Estadual Manoel de Melo Montenegro instituição que oferece a modalidade de Ensino Médio Integral, está localizada na Avenida Luiz Gonzaga, nº 1088, centro, no município de Ipanguaçu, uma das cidades que compõe a Microrregião do Vale do Açu no Estado do Rio Grande do Norte. Essa instituição pertence a jurisdição da 11ª Diretoria Regional de Educação da Cultura (DIREC), em Assú/RN, da Secretaria do Estado de Educação da Cultura (SEEC/RN).

Os estudantes dessa escola são filhos da classe trabalhadora. A maioria das famílias ipanguaçenses retiram seu sustento da agricultura de subsistência, agricultura irrigada de exportação, fruticultura, caprinocultura e pecuária. Outras atividades que geram renda no município de Ipanguaçu são: o trabalho assalariado em empresas de fruticultura, setor de serviços públicos e o comércio.

Diante do contexto dos educandos e das educandas, percebemos que, em sala de aula, alguns estudantes do ensino médio chegavam à escola com dificuldades de leitura. Além disso, observamos que os excertos de textos filosóficos presentes nos livros didáticos de filosofia não estavam afetando de maneira significativa os educandos. Assim surgiu a proposta da nossa pesquisa: realizar uma intervenção por um conjunto de unidades didáticas centrada no método Paulo Freire e composta pela poesia popular de Traíra (1986) e Caldas (2009). A meta é superar as dificuldades de leitura e falta de afetividade dos educandos pelos excertos de textos filosóficos.

Por fim, é importante também ressaltar que consideramos, em nossa observação, as atividades dos educandos que tinham maior disponibilidade em participar dos exercícios. Assim, analisamos as atividades dos estudantes que

participavam dos exercícios de leitura em voz alta, apresentavam o seu ponto de vista através da participação oral e que se dispuseram a produzir as estrofes em sextilhas para o cordel coletivo.

### **A metodologia de Paulo Freire na nossa prática**

As etapas do processo freiriano podem ser organizadas da seguinte forma: levantamento do universo vocabular dos grupos de trabalho; seleção das palavras geradoras, criação das situações existenciais do grupo; elaboração de fichas-roteiros e confecção das fichas com as famílias silábicas das palavras geradoras.

Em nossa pesquisa, recriamos essas etapas do processo freiriano (2022; 2011; 2001; 1997; 1963). O levantamento vocabular e as palavras geradoras saíram dos poemas; as situações existenciais, adaptamos para um momento de problematização do tema, é também a etapa onde apresentamos o pensamento de algum filósofo que também viveu essa situação filosófica; a elaboração e confecção de fichas pelo planejamento e organização do conjunto de unidades didáticas.

Além disso, acrescentamos uma etapa, chamada de palavra geradora de conceito, é uma etapa em que propomos uma atividade de criação e recriação dos conceitos temáticos estudados durante a unidade didática. Na presente pesquisa, essa etapa se materializou mediante uma proposta de produção de cordel sobre o tema estudado. Para mais, ainda é importante mencionar que a nossa proposta não planeja substituir os textos filosóficos ou o conhecimento filosófico. Mas alinhar filosofia e poesia em uma metodologia para o ensino médio, influenciados por Freire (2022; 2011; 2001; 1997; 1963), pois compreendemos que:

A marca freireana aparece quando estes educadores tomam como ponto de partida a realidade vivida pelo educando, usam a discussão como instrumento pedagógico, consideram o educando como alguém que tem um saber, trazem o conteúdo a ser estudado através de um código, muitas vezes, dramatização ou gravuras, enfatizam o pensar e o criar como elementos do processo de conhecer, buscam o conhecimento para melhor intervir na realidade... (Barreto, 2004 p. 100).

Essa explicação sobre a adaptação da metodologia de Paulo Freire torna-se importante, porque lidamos com educandos que sabem decodificar as palavras e escrever. A nossa alfabetização visa capacitar os educandos para realizarem leitura filosófica de textos literários, visando problematizar ideias poetizadas e, com isso, torná-las significativas para suas vidas.

### **Observação participante: descrição da aplicação da unidade didática**

A aplicação da metodologia proposta nesta pesquisa se deu por meio de um conjunto de unidades didáticas compostas a partir dos poemas de Traíra (1986) e Caldas (2009). Assim, trabalhamos com um poema que aborda a invasão europeia da nossa região, intitulado de *Fundação do Açu*, outro que aborda a devastação da nossa caatinga, que tem como título *A morte da flora e da fauna*, e um pequeno poema denominado de *Arapuca*.

A escolha de uma das três propostas de aula se deu por meio de uma dinâmica de sensibilização, denominamos essa atividade de: *batata que passa*, ou *batata quente*. Essa atividade está presente nas três propostas do conjunto de

unidades didáticas. Esse passo lúdico é importante porque é um momento de sensibilização e descontração para a escolha do poema que trará as palavras geradoras de discussão. O poema escolhido a partir da dinâmica foi *Arapuca*. A partir dele, a nossa aula foi estruturada para os educandos com as seguintes etapas:

- ✓ 1ª Etapa: declamação e exposição do poema para o descobrimento das palavras geradoras de discussão;
- ✓ 2ª Etapa: problematização do tema ou situação existencial;
- ✓ 3ª Etapa: um filósofo que já viveu ou escreveu sobre essa situação existencial;
- ✓ 4ª Etapa: palavra geradora de criação de conceito (produção filosófica), em nossa proposta realizamos a produção de estrofes em sextilha, visando a produção de um cordel coletivo com a sala.

Após selecionado o poema, distribuímos uma cópia para cada estudante. Em seguida, foi sugerida a leitura silenciosa, seguida da leitura coletiva e em voz alta (declamação):

eu armei uma arapuca,  
Prá pegar a felicidade,  
Ela veio e num entrô...  
Mas, a esperança e a sodade  
Pisaram na taraméla  
E a arapuca desarmô.

(Caldas, 2009, p. 20).

Na sequência, propomos aos educandos que destacassem algumas palavras presentes no pequeno poema de Renato Caldas. As palavras mais destacadas foram: arapuca, felicidade, esperança e saudade. A *arapuca* é um instrumento de caça utilizado pelo sertanejo para caçar pequenos pássaros e outros pequenos animais. Muitos dos educandos mencionaram conhecer e ainda citaram possuírem esse instrumento.

Assim, o termo *arapuca*, mesmo sendo uma palavra que chama bastante atenção no poema de Renato, os educandos se interessaram em discutir logo os termos felicidade, esperança e saudade. Alguns perguntaram se a escrita do poeta estava errada, porque ele escreve *sodade* e não *saudade*. Foi apresentada uma possível explicação para esse questionamento, sabemos que o poeta é conhecido por sua escrita poética matuta. Ele escrevia para um determinado público que não era alfabetizado. No entanto, ressaltamos que, mesmo escrito desta forma, o poema não perde sua beleza e profundidade.

Seguindo com o trabalho de problematização das situações existenciais, é importante também ressaltar que, mesmo os educandos destacando palavras como felicidade, esperança e saudade praticamente ao mesmo tempo, para cada palavra tivemos uma situação existencial que nos fez pensar e refletir sobre cada uma delas. As questões motivadoras que orientaram o debate foram: o que vocês entendem por felicidade? Quais as fontes da felicidade? O que devemos fazer para sermos felizes?

Assim, também achamos importante destacar as questões motivadoras que orientaram as discussões em torno da palavra esperança: o que vocês entendem

por esperança? Vocês já ouviram um ditado popular que diz que a esperança é última que morre? Por que será que a esperança é a última que morre? Em que vocês têm esperança? Vocês já ouviram um inseto conhecido como Esperança? Por que será que ela verde? Quando vocês encontram o inseto que chamamos de Esperança, o que as pessoas dizem que acontece? O termo saudade também teve suas questões motivadoras: o que vocês compreendem da palavra saudade? Como vocês lidam com a saudade? A saudade é sinônimo de dor? É importante lembrar que essas questões são apenas sugestões, e como a sala de aula é algo dinâmico, tudo pode acontecer, elas servem para nortear o trabalho do educador.

Outra observação importante que queremos trazer é em relação ao uso das palavras como instrumento de alfabetização. Na prática de Paulo Freire (2022; 2011; 2001; 1997; 1963), existia a fase de confecção das fichas com as famílias das palavras geradoras. Segundo Barreto, em seu livro Paulo Freire para educadores, “estas fichas formavam uma série onde se via: 1- a palavra sozinha” (Barreto, 2004, p. 104). Por exemplo, a palavra que utilizamos em nossa proposta: FELICIDADE. Em seguida, “2 - a palavra era separada em sílabas” (Barreto, 2004, p. 105): FE-LI-CI-DA-DE. Logo depois, eram apresentadas aos educandos “3 - as famílias fonéticas, uma a uma” (Barreto, 2004, p. 105).

Era dessa forma que Paulo Freire alfabetizava. Em nossa proposta, adaptamos esse modelo freiriano para propormos a leitura de textos literários de forma filosófica. Assim, a palavra é explorada em nossa metodologia em busca do sentido e da relação e compreensão dessa palavra na experiência de vida dos educandos. Desse modo, a palavra felicidade foi explorada da seguinte maneira: FELICIDADE:

- ✓ 1: Problematização através das questões motivadoras.
- ✓ 2: Aproximação da palavra poética da palavra filosófica. Trazer o pensamento filosófico ou um texto de algum filósofo que já tenha problematizado essa questão levantada pela palavra geradora.
- ✓ 3: Recriação do conceito, através de uma atividade de produção escrita. Em nossa proposta propomos a produção de um cordel coletivo.

Na segunda aula, iniciamos retomando algumas falas dos educandos no último encontro. Boa parte deles destacou que para sermos felizes basta termos dinheiro, fama (participar do Big Brother Brasil), ou então ser um digital influencer, jogar futebol, ter uma profissão e passar no Enem. Em seguida, apresentamos a arapuca que Epicuro (2002) armou para pegar a felicidade. Foi o momento de aproximarmos o texto filosófico do texto poético. Realizamos um momento expositivo sobre a filosofia de Epicuro (341-271 a.C.). Esse pensador estabeleceu alguns procedimentos teóricos e práticos para se chegar a uma vida feliz. Além disso, entregamos aos educandos uma cópia de um texto, composto de trechos da obra de Epicuro.

A problematização desse momento partiu da seguinte questão: como o filósofo Epicuro relaciona filosofia e felicidade nesse trecho do seu texto? De início, é perceptível que ele relaciona o filosofar à saúde da alma e à felicidade. A maioria dos estudantes percebeu o vínculo que há na filosofia de Epicuro (2002) entre alma saudável e vida feliz. Além disso, eles também conseguiram compreender que o essencial para a felicidade de uma pessoa é sua condição interior. Por exemplo, se não sentimos dor no corpo e nem na alma, ou seja, nem dor física, nem perturbações emocionais, podemos desfrutar dos prazeres da vida e ser feliz.

Desse modo, fica evidente que a saúde da alma é um pressuposto da felicidade e a filosofia pode ser uma atividade que pode contribuir com a saúde da alma e consequentemente com a saúde do corpo.

O pensamento de Epicuro (2002) é conhecido como uma filosofia hedonista. Isto significa dizer que, para o epicurismo, o prazer é o objetivo da vida. Uma tese facilmente observada na filosofia epicurista é que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz. Essa abordagem sobre a filosofia de Epicuro (2002) pode causar alguns equívocos, como, por exemplo, associar o pensamento dele à realização desenfreada dos nossos desejos e instintos. No entanto, compreendemos que o prazer para a escola epicurista é, na verdade, a ausência de dor e a falta de perturbação da alma.

Epicuro (2002) faz uma divisão dos prazeres em: naturais e necessários, naturais e não necessários e não naturais. No primeiro grupo se encaixam os desejos relacionados à conservação da vida, como comer, beber e dormir; no segundo, os desejos de se alimentar com uma boa comida, beber uma bebida especial e, o terceiro grupo, são os desejos que têm sua origem na sociedade, como: riqueza, honra, fama e poder. Dos prazeres mencionados, consideramos serem possíveis de saciarmos visando eliminar a perturbação da alma, como também a dor, os desejos naturais e necessários.

Outra questão também discutida por Epicuro (2002) é o tema da morte, essa palavra entrou na aula a partir da palavra saudade presente no poema e destacada pelos educandos. A visão epicurista é materialista e, para Epicuro (2002), a morte também é um elemento que aflige o ser humano, gerando infelicidade. Assim, ele defendia que o ser humano não devia temer a morte, pois “quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos” (Epicuro, 2002, p. 27-28).

Em nosso terceiro encontro, a palavra geradora de discussão foi “esperança. Realizamos a proposta de uma atividade em grupo com o texto *A caixa de Pandora*. No quarto encontro, começamos revendo alguns conceitos em relação à poesia. Assim, a nossa referência para o planejamento dessa aula foi a obra *ABC da Poesia: inspirartividades com as palavras*, de Campos (2017), a partir dela trabalhamos os conceitos de poesia, verso, rima, estrofe, sextilha, sétima, oitava, décima, mote e deixa. Após essa etapa, fizemos um exercício de composição de estrofe.

Na sequência da aula, apresentamos como sugestão o seguinte título, *A Arapuca de Pandora: a peleja entre a felicidade, a saudade e a esperança*. Apesar de sugerimos um título para a produção do poema coletivo, colocamos para os educandos que a escolha do título era de responsabilidade de todos. Apenas chamamos a atenção deles para que as palavras geradoras das estrofes fossem: arapuca, felicidade, saudade e esperança.

No quinto e último encontro de nossa pesquisa, recebemos a atividade proposta na aula anterior. Na continuidade da aula, foi sugerida a cada grupo a declamação em voz alta das estrofes que produziram.

## O resultado da atividade escrita

Para analisar a atividade escrita: a produção das estrofes, estabelecemos os seguintes critérios interpretativos de análise:

- ✓ Estrofes de caráter formal poético.

Quando falamos de caráter formal poético, estamos falando daquelas estrofes que visaram manter a forma, por exemplo: trabalhou em sextilha, organizou a rima e métrica, mas ficou somente no caráter poético. É uma produção que se configura como produção literária. Apresentou uma perspectiva reflexiva, mas não relacionou com os conceitos abordados em sala de aula.

✓ Estrofes poético-filosóficas.

São aquelas estrofes que apresentaram que recriaram ou relacionaram com o pensamento do filósofo apresentado na aula. O educando apreciou um texto poético e um texto filosófico em um conjunto de aulas que aproximou filosofia e poesia e disso retirou uma reflexão filosófica escrita em poemas. As construções poéticas que se encaixam nessa categoria podem até ter os aspectos formais em relação à composição da estrofe: sextilha, rima e métrica, mas eles não são os aspectos mais importantes, é sentido poético-filosófico que importa.

Dito isto, apresentaremos na sequência as estrofes produzidas pelo grupo 3. A composição desse grupo se encaixou nos critérios de poético-filosóficas. A equipe apresentou um poema com nove estrofes, que traz em sua composição as características de uma produção em literatura de cordel. As estrofes foram compostas em sextilha, em que rimam o 2º verso com o 4º verso, e 4º com o 6º. Houve uma distribuição do pensamento entre as estrofes, e o sentido denotativo foi bastante utilizado, principalmente quando o grupo abordou a filosofia de Epicuro. Notamos que apareceram algumas noções do pensamento dele, expostos na lousa e que estavam nos excertos de textos distribuídos durante a aula. Essas são as primeiras observações a respeito da produção poético-filosófica do grupo 3. Vejamos o poema:

Em uma aula de filosofia  
Sobre o tema da felicidade,  
Estudamos o filósofo Epicuro  
Cabra que tinha sinceridade,  
Para ele, ser feliz é sensação  
Acostuma-te a essa verdade.

Com sua filosofia declara  
Ninguém é jovem ou velho,  
Para se dedicar ao filosofar  
Epicuro teima em dizê-lo:  
Para conquistar a saúde da alma,  
Na filosofia encontro conselho.

Para uma alma saudável  
Felicidade é condição interior,  
É necessário, meus amigos  
Se afastar de toda a dor,  
Seja física, mental e emocional  
Leve essa ideia para onde for.

A filosofia de Epicuro  
Centrada na realização do prazer,  
Não era satisfação desenfreada  
Que o mestre queria dizer,

Isso foi confusão desse povo  
Que dele, tentaram maldizer.

Ele assim distingue os prazeres  
Existe os naturais e necessários,  
O verdadeiro aperreio humano  
São os naturais e não necessários,  
Para finalizar ainda falta falar  
Sobre os não naturais que são vários.

Os naturais e necessários  
Para você eu vou dizer,  
São importantes para a vida  
Como vestir-se, beber e comer,  
Para os filósofos epicuristas  
Prazeres possíveis de satisfazer.

Já os naturais não necessários  
É o exagero desenfreado,  
Dos prazeres que são naturais  
Você come de ficar empanzinado  
Bebe todas sem pena  
Sai com o juízo areado.

Os desejos não naturais  
Tem sua origem na sociedade  
É a tal da fama, riqueza e poder  
Digo com muita sinceridade  
O dinheiro pode subir à cabeça  
Do homem sem maturidade.

Uma última coisa vou dizer  
Para essa história findar  
Epicuro também argumentou  
A morte não pode atormentar  
O ser humano que é consciente  
Pois, quando ela é, você não há.

No início do cordel, o grupo faz uma espécie de prólogo do poema. Com esse gesto, eles situam o leitor em um cenário onde se passa a história, uma aula de Filosofia. Logo em seguida, apresentam o tema: a felicidade no pensamento de Epicuro. Na segunda estrofe, eles fazem uma relação com a máxima de Epicuro: “Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse de fazê-lo se é velho”. Assim, eles vão relacionando alguns aspectos do pensamento de Epicuro no cordel. O conceito de ataraxia foi trabalhado durante as aulas no momento expositivo. Essa noção aparece no poema na terceira estrofe, o termo ataraxia foi usado primeiramente por “Demócrito [...], depois pelos epicuristas e pelos estoicos, para designar o ideal da imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação destas” (Abbaganano, 1991, p. 87).

A quarta estrofe do grupo fala sobre a centralidade do prazer na filosofia de Epicuro. Na continuidade da estrofe, eles realizam um alerta, que não é a satisfação sem medida, desenfreada. Assim, o grupo finaliza esse conjunto de versos

afirmando que o discurso de que a filosofia de Epicuro remete à ideia de satisfação a qualquer custo é uma falácia de quem não compreendeu o pensamento de Epicuro. Na quinta estrofe, o grupo aborda a distinção dos prazeres realizado por Epicuro. Nessa etapa, o grupo destaca em sua produção os prazeres naturais e necessários, naturais e não necessários e prazeres não naturais.

Essa conceituação de cada um dos prazeres é efetuada nas estrofes 6, 7 e 8. Percebemos que o grupo conceitua de maneira poética-filosófica a distinção feita em sala de aula. É importante mencionar que para esse momento mais expositivo utilizamos como referência o livro didático *Diálogos: primeiros estudos em Filosofia*, de autoria de Ricardo Melani.

Por fim, a 9ª estrofe do grupo 3 aborda a temática da morte. Esse conceito estava presente no excerto de texto, que apresentamos da *Carta sobre a felicidade [a Meneceu]*, de Epicuro. Além disso, apresentamos uma quadra de autoria de Renato Caldas que aborda a temática da morte. Desse modo, acreditamos que o grupo conseguiu cumprir a abordagem do conceito sobre a morte de Epicuro. Porém, alguns aspectos da filosofia de Epicuro, trabalhada em sala de aula, não apareceram no poema do grupo, por exemplo, a ideia de autarquia, que é, “a condição de autossuficiência do sábio, para quem ser virtuoso basta para ser feliz, segundo os cínicos [...] e os estoicos” (Abbagnano, 1991, p. 95). Mas é importante também ressaltar que a falta da abordagem desse aspecto da Filosofia de Epicuro não prejudicou a composição do poema poético-filosófico. Sendo assim, o grupo conseguiu atingir o objetivo proposto pela atividade de composição poética.

### Considerações Finais

Diante do exposto, sentimos que as produções poéticas apresentaram resultados positivos. No entanto, em relação aos critérios que estabelecemos para categorizar os poemas produzidos pelos estudantes, sentimos que só o grupo 3 alcançou o critério de produção de estrofes poético-filosóficas. Pois, além do aspecto formal de produção poética (estrofes, rima e métrica), eles recriaram ou conceituaram de sua maneira os conceitos vistos nos textos filosóficos e poéticos. Foi um trabalho com as palavras que começou em sala de aula, através da leitura dos poemas dos poetas populares da região do Vale do Açu e passou pela leitura de trechos da obra do filósofo Epicuro durante a unidade didática aplicada.

A inserção do poema *Arapuca*, de autoria de Renato Caldas, na aula gerou uma certa proximidade com a identidade cultural da comunidade. A maioria dos estudantes conhece alguns dos objetos representados no poema. Como, por exemplo, a arapuca. A experiência do poeta trazendo as coisas do seu lugar para falar da busca humana pela felicidade chamou a atenção dos estudantes. Essa busca pela felicidade apresentada no poema nos direcionou para uma definição do que era felicidade. Assim, trouxemos a filosofia de Epicuro, que nos permitiu falar de algumas temáticas que nos afligem: morte, crenças e satisfação dos prazeres.

Para aplicarmos essa ideia em sala de aula, tivemos que enfrentar primeiro a cisão existente entre filosofia e poesia. Zambrano (2021) foi de fundamental importância para pensarmos uma reaproximação entre filosofia e poesia. O seu conceito de razão poética considera as duas formas da palavra: filosofia e poesia. Nisso, ela abre a perspectiva para pensarmos em um conceito aberto para as possibilidades. O filósofo pode abrir espaço para o uso da metáfora como artefato filosófico e assim construir um discurso filosófico que tenha também como

elemento a criação de imagens. Um filósofo que fez isso muito bem foi Nietzsche (2009; 2005), que segundo Paul Valéry, citado por Zambrano (2021) em sua obra *Filosofia e Poesia*, foi um verdadeiro criador de imagens, e essa construção metafórica está presente do início ao fim da obra Assim falou Zaratustra.

O trabalho com pesquisa-ação e observação participante nos permitiu investigar o nosso local de trabalho, lugar-comum do pesquisador e dos pesquisados, visando provocar uma possível mudança no comportamento dos estudantes em relação à leitura de excertos de textos filosóficos. Em relação à etapa da análise dos dados, na Pesquisa-ação, segundo Gil (2002, p. 146), “há pesquisas em que os procedimentos adotados são muito semelhantes aos da pesquisa clássica, o que implica considerar os passos: categorização, codificação, tabulação, análise estatística e generalização”. No entanto, em nossa pesquisa, fizemos uma análise interpretativa, de uma atividade de produção escrita.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Tradução de Ivoni Castilho Benedetti)
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- CALDAS, Renato. **Fulô do Mato**. 8. ed. Mossoró/RN: Queima Bucha, 2009.
- CAMPOS, Lindoaldo. **ABC da poesia: inspiratividades com palavras**. Caicó: Edição do autor, 2017.
- CAMPOS, Lindoaldo. Editor: Israel Maria dos Santos Segundo. Gráfica Seridó/Caicó-RN, 2015. (ISBN 9788591711963). (Coleção Filosofia em Cordel)
- CAMPOS, Lindoaldo. Poesofia ou Filoesia? Para um Diálogo entre Filosofia e Poesia Popular em Sala de Aula. **Problemata: R. Intern. Fil.**, v. 9, n. 3, 2018, p. 145-162.
- CASERTANO, Giovanni. **Uma introdução à República de Platão**. São Paulo: Paulus, 2011.
- EPICURO, **Antologia de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 21. (Coleção Os Pensadores)
- EPICURO. **Carta sobre felicidade: (a Meneceu)**. São Paulo: UESP, 2002. (Tradução e apresentação de Álvaro de Lorencini e Enzo Del Carratore)
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 33. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização e alfabetização: uma nova visão sobre o processo**. 1963. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3172>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- FREIRE, paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- HÉBERT-SUFFRIN, Pierre. **O "Zaratustra" de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- HENRIQUES, Fernanda. **María Zambrano e a Razão Poética: um pensar contemplativo**. Portugal: Universidade de Évora, 2002.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra: um livro para toda gente e para ninguém**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Tradução de José Mendes de Souza. Edição Especial)
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Tradução de Mário da Silva)
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Sobre verdade e mentira: no sentido extra-moral**. São Paulo: Hedra, 2008. (Tradução de Fernando de Moraes Barros)
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira)
- TRAÍRA, Chico. **Espinhos e flores da minha terra**. Natal/RN, 1986.
- VALERY, P. e Feitosa. *Filosofia da Dança*. **O Percevejo Online**, v. 3, n. 2, 2012. (Tradução de C.). Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2176-7017.2011.v3i2.%p>. Acesso em: dez. 2023.
- ZAMBRANO, María. **Filosofia e Poesia**. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

Recebido em: 09/2024  
Aprovado em: 12/2024